

A periferia como alternativa ao modelo de planejamento urbano modernista: uma análise do bairro Bandeiras a partir das categorias de análise de Milton Santos

Cesar Andre Machado de Moraes

Resumo

Com a crise dos paradigmas modernos, em especial do planejamento urbano modernista, as periferias das cidades brasileiras, justamente por terem sido excluídas dos processos de modernização, resguardaram-se de alguns efeitos nefastos dos modelos urbanos que surgiram ao longo do século passado. Nesse contexto, o bairro Bandeiras, localizado em Osasco, na região metropolitana de São Paulo, a despeito dos problemas ambientais e de infraestrutura, apresenta-se como lugar espontâneo e criativo. Assim, por meio da teoria geográfica de Milton Santos, busca-se analisar a produção e a ocupação do espaço do bairro em questão, o que se fez por meio de visitas de campo, análise de fotografias e entrevistas. Ao final, é possível concluir que as características do bairro sugerem uma alternativa aos modelos de planejamento urbano vigentes em trechos da chamada "cidade formal".

Palavras-chave: Periferia – Espaço urbano – Modernismo – Contrarrazionalidades – Milton Santos.

I. Introdução e noções fundadoras

A acentuada desigualdade social no Brasil e na América Latina, ao definir as formas do espaço urbano, gera padrões de diferenciação e exclusão que se manifestam na chamada “modernização incompleta”. Se, por um lado, os bairros nobres e centrais foram submetidos à rigorosa organização decorrente das concepções modernistas de planejamento urbano, por outro as periferias distantes permaneceram parcial ou completamente excluídas das pretensões regulatórias sobre o espaço. Por conta disso, as periferias tornaram-se trechos “irracionais” da cidade, vez que não fazem uso das racionalidades hegemônicas e bem por isso não usufruem dos benefícios da modernidade.

Este artigo foi extraído de um trabalho de iniciação científica, no qual, a partir da teoria geográfica de Milton Santos, buscou-se analisar a produção e ocupação do espaço na periferia de São Paulo, tendo-se como referência o bairro Bandeiras, localizado em Osasco, na região metropolitana da cidade. Assim, a partir da observação do bairro em questão, que se realizou por meio de visitas de campo, análise de fotografias e entrevistas, procura-se demonstrar os modos a partir dos quais a periferia responde ao modelo modernista de planejamento urbano, e que alternativas oferece para sua superação. Para tanto, foram utilizadas as noções fundadoras presentes na primeira parte da obra *A natureza do espaço* (SANTOS, 2009). Trata-se de conceitos-chave a partir dos quais a teoria geográfica do autor é construída, e que também foram utilizados para a estruturação desta pesquisa, que é dividida nas seções “Paisagem”, “Técnica” e “Espaço”, conforme se verá adiante.

II. O modelo modernista de planejamento urbano

No Brasil e no mundo, as cidades contemporâneas são produto de, ou foram diretamente influenciadas pelo conjunto de ideias conhecido como modernismo na arquitetura. A despeito de certas diferenças, muitos dos movimentos e escolas arquitetônicas que surgiram ao longo do século XX têm em comum uma proposta de cidade pautada pela funcionalidade, utilidade e clareza do espaço urbano. Le Corbusier, por exemplo, um dos maiores expoentes da arquitetura modernista, propôs em sua obra *The city of tomorrow and its planning* (1987) a divisão da cidade em unidades de habitação, trabalho, lazer, circulação e paisagem, introduzindo uma concepção urbanística na qual o espaço era submetido à mais rigorosa organização, sendo pensado como uma “máquina viva”, na qual cada parte teria sua função.

Nesse contexto, a *Carta de Atenas* foi o documento que consagrou os ideais modernistas no IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (Ciam) em 1933, definindo o que seria a chamada “cidade funcional”, entendida como um organismo no qual as necessidades do homem deveriam estar claramente colocadas e resolvidas. É também nesse período que o surge o *International Style*, praticado em várias cidades ao redor do mundo e caracterizado pelo predomínio de linhas retas, pelas superfícies planas e sem ornamentação e pelo concreto armado. O estilo foi amplamente adotado durante este período, e mesmo nos anos recentes, sendo visto, por exemplo, na sede da ONU em Nova Iorque e no conjunto de prédios públicos de Brasília.

Ocorre que ao longo das últimas décadas não faltaram críticas a esse modelo urbanístico e aos efeitos de sua implantação nas cidades. Na verdade, pensadores de áreas diversas veem o modernismo na arquitetura como um evento catastrófico, que aniquilou a vida de grandes centros urbanos. Montaner e Muxí, ao discorrerem sobre a cidade global, apontam que

[...] nela, evidenciam-se as crises de um modelo urbano marcado pela funcionalização de todo o território, pela difusão e dispersão das áreas urbanas que compõem um mosaico de fragmentos sem relação entre si. Essa situação é reforçada pela perda do espaço público em benefício de interesses setoriais e individuais, que se apropriam da memória e da herança coletiva, reduzindo-as a meras cenografias (MONTANER; MUXÍ, 2014, p. 115).

De fato, o espaço urbano idealizado pelo modernismo mostrou-se como um espaço sem vida, não humano, onde os encontros entre as pessoas tornaram-se raros e no qual as surpresas, os imprevistos e toda sorte de espontaneidade deixou de existir. O filósofo Zygmunt Bauman, ao falar sobre Brasília, menciona dentre os sintomas mais notáveis decorrentes do modelo implantando

[...] a ausência de multidões e ajuntamentos, as esquinas vazias, o anonimato dos lugares, as figuras humanas sem rosto e a entorpecente monotonia de um ambiente desprovido de qualquer coisa que intrigasse, excitasse ou causasse perplexidade (BAUMAN, 1999, p. 52).

Às margens desse panorama, entretanto, tem-se que, em se tratando dos países da América Latina, os processos de modernização sobre seus territórios deram-se de maneira desigual, de tal modo que os intentos de planejamento urbano foram aplicados apenas à cidade formal, enquanto as periferias permaneceram excluídas de tal pretensão regulatória. Trata-se da chamada “mo-

dernização incompleta” (MARICATO, 2000), a qual excluiu certos atores dos circuitos dotados da racionalidade hegemônica, levando-os a buscar os meios para contornar suas “irracionalidades” (SANTOS, 2009). É nesse contexto que surgem as chamadas contrarracionalidades, definidas como o conjunto de práticas que se opõem à lógica da racionalidade dominante (SANTOS, 2009), as quais fornecem a linguagem para que a periferia, enquanto lugar de racionalidade não hegemônica, ofereça alternativas aos padrões de urbanização vigentes.

III. Paisagem

É a paisagem o primeiro elemento pelo qual o indivíduo toma conhecimento de um dado lugar. Antes de compreender qualquer aspecto da dinâmica social de uma região, o indivíduo primeiro assimila o desenho desse lugar, o formato de suas ruas, a altura de suas casas, a existência ou não de ladeiras ou morros. A paisagem, portanto, mostra-se como verdadeira aparência do espaço, ou seja, como a camada mais à superfície, que é logo enxergada pelo observador. Santos mostra que

[...] diante de uma paisagem, ou nossa vontade de apreendê-la se exerce sobre conjuntos que nos falam à maneira de cartões-postais ou, então, nosso olhar volta-se para objetos isolados. De um modo ou de outro, temos a tendência de negligenciar o todo. (2012, p. 35)

De fato, a paisagem fala muito sobre o lugar, mostrando como certo espaço é produzido e ocupado; no entanto, por seu caráter meramente material, deixa escapar aspectos mais profundos, localizados na dinâmica social a partir da qual o lugar se organiza. Ressalte-se que espaço e paisagem não se confundem: enquanto esta é “o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza” (SANTOS, 2009, p. 103), o espaço, por sua vez, “são essas formas mais a vida que as anima” (SANTOS, 2009, p. 103). Apesar de ser apenas a “aparência”, note-se que a paisagem é fundamental para se compreender as várias formas com as quais o homem se relaciona com o meio em que vive, ou seja, as formas a partir das quais determinado espaço é ocupado e produzido.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a paisagem do bairro Bandeiras ilustra algumas de suas principais características, sugerindo os processos que levaram o bairro à sua conformação atual, bem como os modos a partir dos

quais os moradores se relacionam com o lugar. A falta de regulação estatal é sentida na irregularidade das ruas, carentes de recalçamento e esteticamente grosseiras, assim como nas calçadas desniveladas, nas quais se veem remendos e rachaduras; porém, é sobretudo no entorno do bairro que a degradação ambiental evidencia a ausência do poder público sobre o lugar. Logo na entrada do Bandeiras, ao sair da rodovia SP-021 (“Rodoanel”), o visitante logo enxerga um “lixão a céu aberto”, que coincide com a região de uma das favelas do bairro, bastante precária em termos ambientais e de infraestrutura.

Por outro lado, essa mesma falta de regulação sobre o lugar abre caminho para as chamadas contrarracionalidades, ou seja, possibilita o surgimento de soluções criativas que buscam contornar a carência de estrutura do bairro. Maricato aponta que

[...] há uma profunda diferença entre as cidades do mundo desenvolvido (basicamente os países do G7) e não desenvolvido que tem a ver com a regulação estatal sobre o espaço urbano [...]. Nas primeiras, o Estado exerce, de fato, a regulação sobre a totalidade do solo urbano seguindo as leis existentes com exceções não significativas. Nas demais, é frequente observar que a maioria da população pode habitar espaços informais. (2010, p. 9)

São sobre esses espaços informais que as contrarracionalidades se alocam, buscando alternativas que deem conta de suprir a ausência da racionalidade hegemônica nesses lugares. Assim, a falta de zoneamento no Bandeiras permite também uma paisagem multifacetada, marcada pela informalidade, e que sugere processos bastante espontâneos de produção do espaço no bairro. A começar pelos “puxadinhos”, vistos em muitas das casas, os quais estão ligados a um processo natural de ampliação das residências; aliás, em alguns casos estão mesmo relacionados a um processo de ampliação das famílias, vez que é muito comum ao filho ou à filha que se casa construir um segundo andar ou mesmo uma extensão ao lado da casa de seus pais.

É de se notar também que as casas com tijolos à vista, sem acabamento exterior, no mais das vezes decorrentes dos processos de autoconstrução, coexistem com casas sofisticadas, algumas delas com câmeras de vigilância e outros aparatos de segurança ostensiva, as quais não parecem sequer pertencer a um bairro periférico. Isso revela um espaço heterogêneo, em que moradores de diferentes condições financeiras ainda podem dividir uma mesma rua, e no qual a segregação socioespacial interna (ao menos ainda) não deu forma ao lugar.

Ainda nesse sentido, a chamada “rua corredor”, “tida como geradora de doenças e como um impedimento ao progresso” (CALDEIRA, 2010, p.311),

é muito encontrada no Bandeiras, o que leva as pessoas que andam pelo lugar a encontrar utilidades variadas em uma única rua. As casas residenciais intercalam-se com lojas, bares, cabeleireiros e igrejas. É mesmo possível encontrar disposições bastante curiosas entre os estabelecimentos, não sendo raras as vezes, por exemplo, que se vê uma igreja literalmente ao lado de um bar, o que se contrapõe a qualquer senso de organização racional do espaço, e que por isso mesmo é capaz de gerar diversidade e espontaneidade nas ruas, conforme se verá adiante.

iv. Técnica

Segundo Milton Santos, “é por demais sabido que a principal forma de relação entre o homem e natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica” (2009, p. 29). É a partir da técnica que o homem interage com o meio em que vive, e é, portanto, a partir desta que o homem produz o espaço que ocupa. Trata-se de um intermediário entre o homem e a natureza, ou, ainda, entre o homem e o meio, vez que a ordem criada pela técnica inclui o homem em um verdadeiro novo meio natural.

Definindo-a como o “conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço” (SANTOS, 2009, p. 29), Santos (2009) ressalta que a técnica deve ser entendida como objeto de análise sociológica, sobretudo nas discussões acerca do espaço e ambiente urbano. Nesse sentido, ruas, calçadas, rodovias, estradas de ferro, pontes, túneis, edifícios, linhas de eletricidade são todos objetos técnicos, a partir dos quais a sociedade realiza suas finalidades e opera no espaço geográfico.

Ressalte-se que esses objetos técnicos estão sujeitos a um processo similar ao da seleção darwiniana, uma vez que sua adoção pelas sociedades é função de uma avaliação dos valores técnicos, em relação com o êxito ou o fracasso provável (SANTOS apud SERIS, 2009, p. 39). Nesse sentido, pode-se afirmar que um objeto técnico tende a permanecer à medida que apresenta “características vantajosas” ao lugar em que está.

A periferia, portanto, enquanto espaço “irracional”, necessita de “objetos técnicos irracionais” para atender suas demandas. É o caso, por exemplo, dos chamados “escadões”, recorrentes nas periferias e presentes em larga escala no bairro Bandeiras. Trata-se de um objeto completamente fora dos padrões estéticos, mas que possui a função essencial de ligar dois pontos topograficamente isolados um do outro. Uma vez que as regiões periféricas coincidem

muitas vezes com as regiões de morros da cidade, a pavimentação das ruas encontrou nos “escadões” a solução da irregularidade do terreno, fazendo deles espécie de viela, já que permitem ao morador transitar a pé pelas várias partes do bairro.

De mesmo modo, os chamados “gatos” de internet e energia elétrica, vistos por alguns como elementos de “favelização” do bairro, estão presentes em praticamente todos os trechos do Bandeiras, e podem ser enxergados como as formas de que alguns moradores dispõem de se integrar ao “meio técnico científico informacional” (SANTOS, 2009, p. 35), já que dificilmente o fariam pelas vias formais.

A seleção dos objetos pelo espaço atua também no fenômeno que Santos classifica como “rugosidades”. Trata-se da propagação desigual das técnicas no espaço. O autor aponta que “num mesmo pedaço de território, convivem subsistemas técnicos diferentemente datados, isto é, elementos técnicos provenientes de épocas diversas” (SANTOS, 2009, p. 42). Embora não seja este um fenômeno exclusivo dos bairros periféricos,¹ é interessante notar como as rugosidades aparecem na periferia como sinais da chamada “modernização incompleta”, sobretudo nas regiões próximas às favelas. No bairro Bandeiras, muitas vezes a coexistência de diferentes sistemas técnicos tem como causa a falta de investimento do poder público. É o caso, por exemplo, do vereador que prometeu a pavimentação de uma rua, mas que ao final só a realizou pela metade, gerando um cenário no qual ruas de terra intercalam-se com ruas asfaltadas.

Nesse sentido, o Bandeiras apresenta um tecido urbano misto, sendo mesmo possível identificar três ou mais subsistemas técnicos num único trecho. É o que ocorre na entrada do bairro, no trecho de entroncamento do Rodoanel com a rua Giuseppe Sacco: nessa região é possível observar, a poucos metros de distância da rodovia, partes de vegetação parcialmente preservada coexistindo com terrenos cuja vegetação foi devastada, e nos quais encontram-se “barracos” em meio ao já mencionado “lixão a céu aberto”.

Por outro lado, as rugosidades também aparecem como elemento que garante diversidade ao Bandeiras, fornecendo, além disso, a narrativa da história do bairro. De fato, Santos mostra que “a técnica é tempo congelado

1 “Vemos que a aceitação das técnicas novas foi sempre relativa e incompleta. Mesmo os países responsáveis pelos maiores avanços tecnológicos jamais apresentaram um quadro de homogeneidade na sua implantação. Por exemplo, não é nos E.U.A. que estão as melhores estradas de ferro do mundo, nem os correios americanos se encontram entre os mais velozes” (SANTOS, 2009, p. 43).

e revela uma história” (2009, p. 48). É o caso, por exemplo, de uma “casa do BNH” na avenida Benedito Alves Turíbio, construída provavelmente na década de 1960 e que coexiste com estabelecimentos comerciais construídos em anos recentes.

Nesse mesmo sentido, as disparidades técnicas no Bandeiras também aparecem quando se compara o exterior e o interior das residências. Conforme se mostrou na seção anterior, uma das características do bairro é a falta de acabamento no exterior das casas, o que dá a impressão de que as obras ainda não estão concluídas. De fato, a construção da casa própria na periferia é processo que normalmente ocorre aos poucos, podendo mesmo levar décadas, estando sempre por concluir. Assim, a casa de tijolos à vista é muito encontrada nas periferias, até porque não convém dar acabamento a um imóvel que está em constante processo de transformação. O mesmo nem sempre ocorre quando se tem em vista a parte de dentro das casas. Por razões diversas, talvez por uma questão específica de conforto, é notável em muitas das residências o contraste entre suas aparências interiores e exteriores.

v. Espaço

O espaço pode ser definido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ação, ou, ainda, como um conjunto de fixos e fluxos, vez que “os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar” (SANTOS, 2009, p. 61). O espaço é, assim, entendido como uma instância formada por elementos sociais e materiais, na qual os primeiros transformam e operam sobre os segundos.

A importância dessa abordagem é compreender o espaço enquanto instância dinâmica dentro da sociedade, que contém e é contida pelas demais instâncias – política, econômica, ideológica, cultural. Enquanto objeto geográfico, o espaço deixa de ser puramente material e estático, tornando-se um objeto dinâmico, que muda de significação a todo instante, uma vez que também é formado pelos sistemas de ações ou pelo conjunto de fluxos.

Após a discussão acerca da paisagem e do fenômeno técnico no bairro Bandeiras, cabe então a pretensão de análise ampla do bairro, vista aqui não como uma tentativa de abarcar a integralidade do lugar, mas como um exercício no qual se atenta aos fenômenos humanos e sociais que constituem o espaço estudado. Se, inicialmente, foi feita a diferenciação entre espaço e pai-

sagem, na qual esta aparece como conjunto de formas materiais, resta agora analisar as ações e os comportamentos que se dão sobre essas formas e são por ela condicionados.

Nesse sentido, o bairro Bandeiras, enquanto espaço de contrarracionalidade, possui suas peculiaridades quanto à dinâmica social vigente. Seja nas relações dos moradores entre si e na relação deles com o espaço público do bairro, seja em suas concepções acerca de segurança, comunidade, ou ainda acerca dos papéis desempenhados pelo poder público e pelo pequeno comércio no fornecimento de serviços, fato é que, ao lado da estrutura precária e dos problemas socioambientais, o Bandeiras apresenta traços de organicidade e confiança entre os moradores, bem como diversidade e espontaneidade nas ruas.

Na crítica ao modelo de cidade modernista, Jane Jacobs inicia sua obra celebre *Morte e vida das grandes cidades* dizendo que “as ruas e cidades servem a vários fins além de comportar veículos; e as calçadas – a parte das ruas que cabe aos pedestres – servem a muitos fins além de abrigar pedestres” (2011, p. 29). Segundo a autora, são necessárias algumas condições para gerar diversidade nas ruas:

[...] o distrito, aqui entendido como bairro, deve atender a mais de uma função, de modo a garantir a presença de pessoas em horários diferentes; o “bairro” deve ter uma combinação de imóveis com idades e estados de conservação variados; deve haver densidade suficientemente alta de pessoas, quaisquer que sejam seus propósitos (JACOBS, 2011, p. 165).

Apesar de a análise de Jacobs se dar sobre o cenário de um país desenvolvido, há mais de meio século atrás, tem-se que algumas dessas condições permanecem válidas nos dias de hoje. Com algumas exceções, é claro, os moradores das regiões periféricas costumam sentir-se mais seguros em seus bairros do que os moradores de bairros nobres (CALDEIRA, 2000). Em se tratando do bairro Bandeiras, a afirmação de Jacobs de que “é uma coisa que todos já sabem: uma rua movimentada consegue garantir a segurança; uma rua deserta não” (2011, p. 35) faz completo sentido. É notável como os diferentes usos que se faz dos imóveis em uma mesma rua podem contribuir para a segurança do lugar; é o caso da igreja ao lado do bar, por exemplo, que garante a constante movimentação da rua, em horários alternados, vez que os cultos não coincidem com os momentos em que o bar se encontra aberto. Outros arranjos similares a este possibilitam que raramente se tenha quadras desertas nas imediações do bairro.

Os diferentes usos que se faz das ruas e calçadas também garantem a diversidade e a espontaneidade no Bandeiras. Diante da falta de lazer, da ausência de parques e praças que possibilitem o encontro entre os moradores do bairro, as calçadas são largamente utilizadas, em muitos casos como espécie de extensão dos estabelecimentos comerciais e das casas. Essa é uma característica marcante do Bandeiras e dos bairros periféricos em geral: as calçadas são verdadeiros pontos de encontro, utilizadas por pessoas de várias idades e com finalidades distintas, o que facilita a familiaridade entre os moradores, pois, mesmo que não intencionalmente, estes acabam se cruzando no dia a dia, o que também favorece a criação de laços de confiança em longo prazo.

É ainda interessante observar como os condomínios fechados de bairros periféricos podem ter características distintas daqueles localizados na “cidade formal”. No Bandeiras, o condomínio São Cristóvão é um bairro planejado, com área de 200 mil m², e que apesar de se pretender um lugar racional e organizado, com trechos delimitados para funções definidas, apresenta uma dinâmica muito similar àquela vista no bairro “do lado de fora”, com uso intenso das ruas e calçadas pelos moradores. E ainda, de acordo com os depoimentos colhidos nas entrevistas, é de se notar os laços de amizade e o sentimento de comunidade existente entre os moradores, muitos dos quais já moravam na região antes de se mudar para o condomínio.

VI. Considerações finais: a periferia e os espaços de contrarracionalidade

Esta pesquisa pode ser entendida como um exercício de olhar. Antes de exaurir a discussão sobre o tema, buscou-se, a partir da teoria geográfica escolhida, uma perspectiva que permitisse apresentar não só os problemas presentes nos bairros periféricos, mas também as possíveis soluções que as periferias fornecem à crise das concepções modernistas de cidade.

De fato, a análise mostrou que o bairro Bandeiras, como tantos outros bairros periféricos, a despeito dos problemas ambientais e de infraestrutura, apresenta-se como espaço heterogêneo, produzido de forma natural e espontânea, no qual a paisagem informal e fora dos padrões estéticos possibilita a existência de um lugar seguro, com ruas movimentadas e trechos amplamente ocupados pelos moradores, os quais fazem uso das calçadas e ruas como verdadeiros pontos de encontro. Tudo isso parece reforçar a organicidade do lugar, bem como a percepção de comunidade entre os moradores.

Referências

- BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- CALDEIRA, T. P. R. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34: Edusp, 2000.
- JACOBS, J. *Morte e vida das grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- LE CORBUSIER. *The city of tomorrow and its planning*. New York: Dover Publications, 1987.
- MARICATO, E. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias. In: *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Org. ARANTES, O.; MARICATO, E.; VAINER, C. B. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MARICATO, E. O estatuto da cidade periférica. In: *O Estatuto da Cidade comentado*. Org. CARVALHO, C. S., ROSSBACH, A. São Paulo: Ministério das Cidades. Aliança das cidades, 2010.
- MONTANER, J. M.; MUXÍ, Z. *Arquitetura e política: ensaios para mundos alternativos*. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2009.
- _____. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Edusp, 2012.
- SERIS, J. P. *La technique*. Paris: PUF, 1994.



Cesar Andre Machado de Morais é graduado em Direito pela Universidade de São Paulo.
cesarandre_machado@hotmail.com